

Os enfeites de Fátima e lavradores envenenados.

Fátima do Sul, uma pequena cidade de Mato Grosso do Sul às margens do Dourados, um dos rios da bacia do Ivinhema, foi notícia na Folha de São Paulo (abaixo) de 17 de julho de 2010 por uma razão trágica: o envenenamento de seus agricultores por biocidas agrícolas. A jovem jornalista Marcelle Souza mostrou na matéria que náuseas e depressão são comuns e que em membros de muitas famílias dos pequenos proprietários são levados ao suicídio.

Geologicamente o município faz parte do Planalto de Dourados, caracterizando-se por terras planas e solos profundos, próprios para a produção intensiva de grãos com uso da mecanização. Sua formação veio por decisão de Getúlio Vargas na década de 40, através da distribuição de pequenas parcelas, principalmente para migrantes nordestinos. Com a moderna agricultura sempre me chamou a atenção as plantações agrotóxico-intensivas de soja, sorgo, milho ou algodão rente às paredes das residências. Há muitos anos, ao trafegar pela via principal que corta a região (BR-376), estranhei ver ao longe uma “neblina” em tarde de sol aberto, a qual, na verdade, era uma nuvem de agrotóxicos aspergidos em plantações de algodão por lavradores sem nenhuma proteção.

Relatei em meu blog, em novembro de 2006, outra “neblina” em um vilarejo distante menos de 100 quilômetros de Fátima do Sul sob o título “Nuvem ‘nebulosa’ ou nem tanto”. Desta vez em cena a envenenadora aviação agrícola:

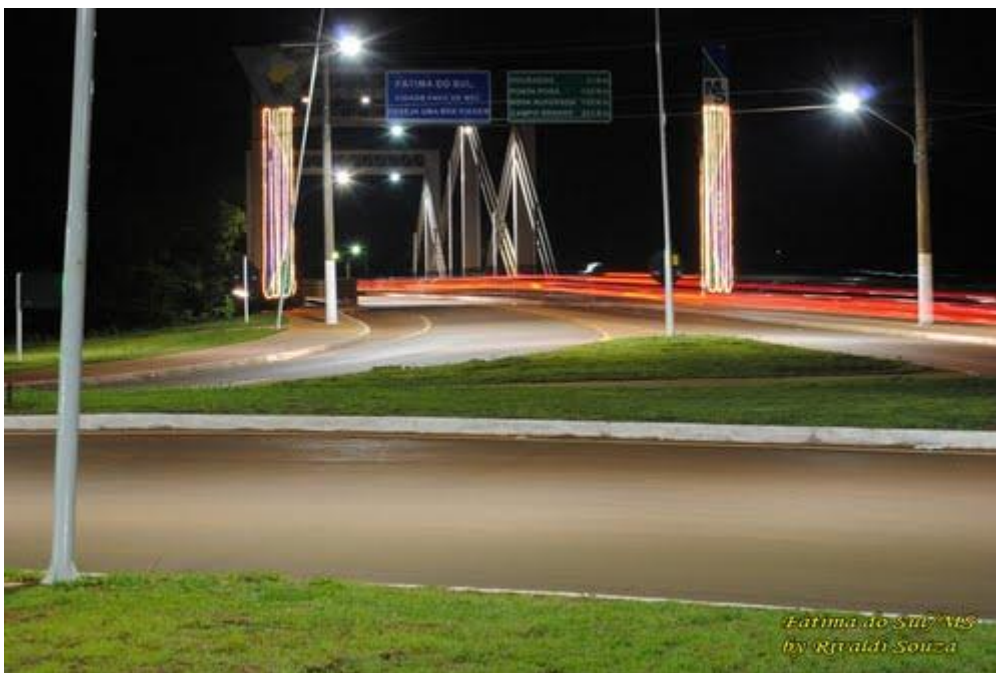
“Ontem, 15 de novembro, no final da tarde uma nuvem pairava próximo ao povoado de Aroeira - atravessado pela BR-163 - no município de Rio Brillhante, Mato Grosso do Sul. À distancia parecia poeira o que causou estranheza pois não ventava e não havia transito nas vias vicinais ou laterais não asfaltadas da rodovia - o que às vezes, em algumas regiões, eleva poeira que atinge a pista. Ao atravessa-la o cheiro forte incomodou e pareceu o de algum biocida de lavoura. Coincidentemente, minutos antes, com o sol se pondo no horizonte, um avião agrícola cruzou a estrada para, certamente, voltar a sua base depois aspergir seus venenos pelos céus.”

A suspeita sobre os danos dos biocidas em Fátima do Sul sempre esteve presente. O que entendo necessário é que pesquisas sejam aprofundadas e estendidas para outras áreas da saúde, como por exemplo sobre os índices de ocorrências de linfomas, câncer associado a biocidas agrícolas e nitratos presentes na água de consumo em decorrência da aplicação de fertilizantes.

Com relação à palavra “enfeites” do titulo é para registrar o modelo de administração de Fátima do Sul, onde o centro da cidade de formação típica da região, com casas comerciais criando uma extensa parede com portas de aço

– muitas agora são de vidro - ao longo da avenida principal, em contraste com estranhos postes de iluminação de estilo colonial e enormes floreiras redondas, tipo cinzeiro, nos estacionamentos. Tudo isto somado a uma ponte sobre o rio Dourados que, vista de longe, parece suportada por estrutura de aço, mas o que continua valendo é a velha ponte de concreto. O aço é apenas mais um enfeite de mau gosto feito com dinheiro público.

Foto Google Earth.



Agrotóxicos afetam comunidade em MS

Agricultores de Fátima do Sul apresentam náuseas, depressão e cometem suicídio após usarem inseticidas

Problema se agrava porque os lavradores não têm ou não sabem usar equipamentos para se proteger do veneno

MARCELLE SOUZA ESPECIAL PARA A FOLHA

A tristeza aparente aponta que é dia de velório. O cheiro, que atravessa os cômodos, faz parentes e curiosos saírem para o quintal. O odor expõe o motivo daquela morte: Mauro de Souza Lucas cometeu suicídio com veneno da lavoura de algodão.

A cena, na zona rural do município de Fátima do Sul (MS), seria um caso isolado se o cheiro não fizesse parte de outros velórios ali.

Lucas havia brigado com um irmão em uma festa de fim de ano e, de volta para casa, foi direto para o quarto dos agrotóxicos. Escolheu um dos mais fortes e bebeu.

"Um vizinho levou-o para o hospital, ele acabou de morrer lá", diz Antônia de Souza Lucas, 64, "uns 14" filhos. "Era veneno brabo, não lembro o nome, mas era veneno de algodão, fedido."

O episódio ocorreu há quase dez anos, mas o cheiro do velório ainda não saiu do nariz de Antônia. Mauro tinha 26 anos quando morreu.

Ela não sabe por que o filho se matou. "Era uma nervosia, muita raiva, ele pôs na cabeça e se matou logo."

FALTA DE PROTEÇÃO

Fátima do Sul, cidade de 18 mil habitantes a 242 km de Campo Grande, foi criada em 1943 no governo Getúlio Vargas como polo agrícola.

Predominam os sítios de três a dez hectares de imigrantes nordestinos.

Ali, fala-se dos nomes de agrotóxicos com intimidade: Barrage, Folidol, Azodrin, Tamaron, 2,4D e 3,10.

A maioria desses produtos pertence à família dos inseticidas organofosforados, derivados do ácido fosfórico, e são usados para combater pragas em culturas diversas.

O contato com eles alterou o conceito de saúde dos agricultores. Quase todos se referem a dor de cabeça, náusea e coceiras, além do cheiro inconfundível.

Fora os casos de intoxicação aguda em que os sintomas mais graves surgem logo após a exposição.

Muitos lavradores não têm, não usam ou não sabem usar corretamente os equipamentos de proteção, como máscaras e macacão, nem têm orientação sobre como armazená-lo ou se desinfetar após aplicar o veneno.

DEPRESSÃO

Assim como as náuseas, sintomas de depressão tomam conta das conversas

nos sítios. Antônia lembra que o filho começou a ficar "esquisito" antes de morrer.

Para Dario Xavier Pires, químico e pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) que há uma década estuda os casos de suicídio no município, os sintomas são evidentes no contato com produtores e nas conversas informais com profissionais da saúde locais.

A psiquiatra paulista Jussinalva Aguiar explica que "normalmente os casos de suicídio estão ligados a quadros depressivos" que passam despercebidos na rotina do trabalhador rural.

Segundo Jussinalva, o tipo de agrotóxico usado no algodão inibe a enzima acetil-colinesterase, causando acúmulo do neurotransmissor acetilcolina e a consequente superestimulação das terminações nervosas.

"A intoxicação por agrotóxico causa variações qualitativas e quantitativas nas sinapses, que agem na alteração do humor. Pode causar tanto sintomas depressivos como manias e agitação."

Em 2004 e 2005, um grupo de pesquisadores da UFMS -entre eles Pires- fez um levantamento sobre os estados depressivos e os níveis da enzima colinesterase em 261 agricultores expostos a organofosforados no município. Deles, 149 (57,1%) relataram algum sintoma após o uso de agrotóxicos, e 30 apresentaram distúrbios psiquiátricos menores (DPM). Três tentaram o suicídio.

RANKING

Em números absolutos, Mato Grosso do Sul ocupava, em 2002 (último ano disponível), o quarto lugar em suicídios de homens e o segundo de mulheres no Brasil.

No índice de morte por ingestão intencional de agrotóxicos mantido pela Secretaria de Estado de Saúde de MS, a macrorregião geográfica de Dourados (Fátima do Sul mais 14 municípios) lidera. De 1992 a 2002, houve 203 tentativas registradas e 63 mortes por envenenamento.

A cidade de Dourados tem o maior número de tentativas, mas há ali alta incidência de suicídios entre os índios guarani-kaiowá, resultado, sobretudo, do processo de confinamento.

O segundo lugar é de Fátima do Sul. Depois de Mauro, outros dois filhos de Antônia, Jonas e Luiz, também se mataram em um ano. Uma terceira, Cecília, tentou. Levantamento da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) para a consultoria alemã Kleffman Group aponta o Brasil como o país que mais consome agrotóxicos.

Em 2008, foram gastos U\$ 7,1 bilhões, ante US\$ 6,6 bilhões dos EUA, em segundo.

O Serviço de Informações Tóxico-Farmacológicas do Ministério da Saúde registrou, em 2007, 112,4 mil casos de intoxicação. Estima-se que haja subnotificação.

O Ministério da Saúde não tem estudos nem política preventiva de suicídio na zona rural -há divergência entre os pesquisadores sobre a correlação direta entre depressão e agrotóxicos.

"Os estudos feitos nessas populações não são determinantes e ainda não conseguiram comprovar a relação", diz Ângelo Zanaga Trapé, médico toxicologista e professor da Unicamp.

SEM CAUSA-EFEITO

A Andef ressalta que o crivo científico com que são avaliados todos os defensivos agrícolas registrados no Brasil é um dos mais restritivos do mundo, demonstrando extrema preocupação com a segurança dos produtos utilizados nas lavouras.

A Andef entende que não há relação causa-efeito entre agrotóxicos e suicídios comprovada nos estudos citados.

"As colocações feitas pelo dr. Ricardo Nogueira, médico psiquiatra autor da tese de dissertação de mestrado "Promoção da Vida e Prevenção de Suicídios no RS" são válidas, havendo a necessidade de estudos adicionais para se comprovar cientificamente essa relação", diz.

MARCELLE SOUZA é recém-formada em comunicação social com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e ganhadora do 1º Prêmio Jovem Jornalista Fernando Pacheco Jordão, promovido pelo Instituto Vladimir Herzog.